

O TEMPO NÃO PARA, ASSIM COMO EU

A GERAÇÃO *MILLENNIUM*, SUAS INQUIETUDES E MODO DE PENSAR

Quando eu era criança, ouvia de muitos adultos que as pessoas que tinham uma vida confortável e com muito sucesso eram as que trabalhavam em bancos ou em redes elétricas e ficavam lá até o fim. Na minha casa, meus pais achavam interessante uma vida baseada em viver no mesmo emprego até a aposentadoria. Usavam amigos da família e meu tio como os maiores exemplos nos quais eu deveria me espelhar. Mas a Pâmella de sete anos sentia que não era bem esse o futuro que ela tanto vislumbrava. Era uma sensação sufocante ouvir que eu deveria permanecer no mesmo trabalho até o governo decidir que os anos que prestei de serviço já eram o suficiente para pagar seja lá qual a dívida que eu teria com eles. Mas não sabia o que era isso, exatamente. Cresci brincando que era dona de uma casa própria e trabalhava para me sustentar, mas nunca parava no mesmo emprego; um dia eu era secretária, no outro eu era bibliotecária e no seguinte, florista. Às vezes, gostava de ser algo a mais e virava dona de uma empresa de sucesso, ou talvez empresária de algo menor. Para mim, estava tudo bem. Era até divertido mudar tanto, experimentar ser tantas coisas.

O tempo passou e muitos pensamentos que eu tinha quando criança se apagaram de minha mente, tão conturbada com a correria que a vida me entregava. Exceto um. Ainda achava perturbador me ver no mesmo emprego trinta anos depois, provavelmente sentada em um cubículo fechado, com folhas jogadas sobre a mesa e um computador ligado à minha frente, enquanto eu segurava uma xícara de café na mão esquerda para ficar desperta e olhava de relance para os comprimidos na gaveta ao lado. Era uma ideia assustadora. Eu nunca quis uma vida sólida assim. Isso não era compatível com os pensamentos que transbordavam em minha mente. A ideia de chegar à aposenta-

doria e perceber que havia tido mais empregos que livros durante toda a minha carreira me atraía como um mosquito se atrai para a luz durante o verão. Isso, sim, era divertido, como era na época em que eu gostava de ser tudo e mais um pouco.

Então 2018 chegou, e percebi que estava começando a caminhar para esse futuro nevoado. Antes eu não me encaixava no mundo por achar que todos queriam uma vida estagnada, sem muitas aventuras, altos e baixos, enquanto eu desejava fechar os olhos e deixar a vida me arrastar no mar de incertezas. Mas peguei uma flanela e limpei a vista para a realidade que a geração *Millennium* – a minha geração – estava vivendo: ninguém queria seguir o mesmo destino que seus pais, como se fosse uma maldição que os perseguisse. Para mim, isso foi como aprender a nadar; eu não me sentia mais excluída da sociedade, uma garota sem salvação que muito provavelmente iria passar fome e voltar para a casa dos pais.

E o amor? Volátil como o tempo, como tudo anda sendo na modernidade. Namorar mais de uma vez, relacionar-se com várias

peças sem compromisso – em momentos diferentes ou não –, apaixonar-se mais do que é esperado... Talvez eu não seja como o restante dos jovens nesse quesito, talvez seja em partes. Apaixonar-se a cada semestre é algo tão comum, tão rotineiro para mim. É assim que a juventude vive hoje em dia. Uma paixão a cada estação, a cada mês, a cada semana. Os jovens não se veem mais presos a um relacionamento longo como os seus pais, como os seus avós.

A juventude se importa com o presente e nada mais além dele. Um presente fluido como a água. Deve ser por isso que chamam a contemporaneidade de “modernidade líquida”. O futuro não é mais uma preocupação – ele nem sequer existe para muitos. “Trabalhe com isso porque você terá estabilidade” – e não importa se não é algo que você goste. “Namore e se case com uma pessoa, com a única pessoa” – e não ligue se não o amar mais. É a geração que assusta e preocupa os mais velhos, mas também é a mais livre.

Esse é o retrato da juventude. Fluidos como a água de um lago, inconstantes como as ondas do mar. Ainda é cedo para descobrir se caminhamos para a nossa própria ruína. Às vezes não. Às vezes é o medo do diferente de nossos pais. Ou sim. Talvez eu me sinta com meus netos ou sobrinhos-netos e lhes diga como as coisas eram na minha época.

O relógio vai passar na mesma velocidade para qualquer um. A modernidade líquida não é você ser um delinquente ou alguém para quem nada dá certo; o conceito de felicidade é democrático e diferente a cada vivente, e me sinto estranhamente bem sabendo que daqui a dez anos poderei estar trabalhando em uma revista, talvez como fotógrafa (ainda existirá essa profissão?), quem sabe em uma grife pequeno porte e grande sucesso. Ou já ter trabalhado com tudo isso nesse período.

Não somos os mesmos de dois minutos atrás, assim como o nosso ar também não é o mesmo. Não vestimos as mesmas roupas a cada dois dias, não pisamos da mesma forma a cada segundo. Pergunto-

-me: se vivemos de formas distintas a cada dia, por que eu teria de seguir uma linha reta no futuro? Ainda mais quando o futuro é formado por tantas linhas diferentes. O que quero dizer com esse texto, com todas as palavras e exemplos que usei é que, em tempos como este, a gente não se contenta mais com o mesmo. Não me satisfaço com ideias de vinte anos atrás; prefiro as atuais. E também está tudo bem não gostar mais do que prefiro agora quando o futuro chegar

“
O conceito de felicidade é democrático e diferente a cada vivente.
”

para mim. Eu não vou me manter acorrentada a isso porque meus pais, ou alguém mais, diz que preciso assim ser e que tenho de acatá-los sem crítica ou reflexão. Eles merecem respeito. Mas eu mereço e curto muito ser inconstante.

O ano de 2018 passou mais rápido do que pude perceber e, por pior que possa ter sido para muitas pessoas, para mim ele mostrou uma coisa muito importante que eu ainda não havia entendido: a vida é muito rápida para ficarmos presos na mesma e entediante caminhada. Eu sigo uma realidade que corre tanto quanto o tempo e fico inquieta com as coisas mais simples do dia a dia. Se o tempo, o relógio e o planeta não param, por que a Pâmella pararia?

Pâmella Pregun Correia é aluna do segundo semestre do Curso de Jornalismo da FAPCOM – Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação. Texto produzido para a disciplina Sociologia Geral, no segundo semestre de 2018.